

LINS (Ivan). — *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas*. 4ª edição. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1970.

Livro polêmico, na gênese (cf. o Apêndice da obra em epígrafe, pp. 345 e segs.), pois que suscitou protestos que ultrapassaram os limites do razoável, em matéria de divergência intelectual, estampa o volume em apreço a série de conferências, consagradas por Ivan Lins ao estudo e divulgação da Idade Média. Proferidas em 1938, pelo eminente escritor, dentro do seu grandioso plano de difusão cultural, no sentido mais alto do termo, e depois impressas em forma de livro, essas conferências não somente venceram os antagonismos do espírito sectário que pretendia barrar-lhes o caminho, mas também se impuseram à intelectualidade do país, tanto que entraram em sua 4ª edição, a qual temos o especial prazer de apreciar.

É que o livro não se desvia da linha de erudição e superior probidade, que caracterizam a personalidade e têm marcado a trajetória literária do seu ilustre Autor. Com efeito, é este mais um exemplo da coragem do Autor, ao sustentar publicamente suas idéias e convicções, contra as abusivas pressões da intolerância, que intentava calar a voz do conferencista. E a sua autoridade hoje se impõe, como àquê tempo se impunha, sem embargo de naturais discordâncias, perante os espíritos mais lúcidos e liberais do catolicismo brasileiro.

Volvidos três decênios, desde o seu aparecimento, o texto, segundo declara o próprio Autor, permanece essencialmente o mesmo, apoiado em suas concepções básicas, que se conformam com as linhas da pesquisa e da bibliografia mais recente sobre a época e as instituições por ele analisadas. Mais do que justificada, portanto, esta reedição, a qual põe ao alcance dos estudantes de História uma valiosa e variada fonte de ensinamentos, a respeito da Idade Média.

Sem embargo da segurança das informações e dos amplos conhecimentos do Autor, um erudito sem dúvida alguma, trata-se menos de uma obra de investigação pessoal, que de divulgação dos temas versados, e como tal parece-nos deva ser considerada. Em verdade, insiste êle mais no estudo da cultura, instituições, usos e costumes marcantes, que das transformações ocorridas durante a Idade Média, para as quais concorreram as condições históricas daquela época. Escrito no momento em que se manifestava e difundia a corrente reabilitadora, no estilo da “nova Idade Média”, de Berdiaeff, o estudo de Ivan Lins veio opor judiciosos reparos a êsse tipo de revisão panegírica.

No entanto, a formação filosófica do Autor que é prosélito convicto de Augusto Comte, longe de afetar-lhe o senso crítico, o levou também a uma visão reabilitante da Idade Média, que o fundador do Positivismo foi dos primeiros a conceber e proclamar (Cf. Lins (Ivan), *L'oeuvre d'Auguste Comte et sa Signification Scientifique et Philosophique au XIXe Siècle*, p. 21-22, sep. de “Cahiers d'Histoire Mondiale”, vol. XI, nº 4, Neuchatel, 1969). Dentro dessa posição doutrinária, repele Ivan Lins tanto o conceito de uma Idade Média ideal, era da perfeição humana,

com o da “noite de mil anos”, época de trevas e retrocessos. E na busca desse meio termo, soube evitar certos preconceitos e rigores de julgamento, de que ainda não se isentaram totalmente determinada concepções correntes ou vulgares da Idade Média. A leitura deste livro com certeza encaminhará os leitores a uma conceituação veraz e equilibrada desse período histórico.

Traço não menos relevante, na obra em questão, é o critério de imparcialidade, do qual o Autor busca invariavelmente não afastar-se. Ao tratar, por exemplo, da vida literária medieval, relembra que os clássicos greco-latinos não tinham caído no esquivamento e contesta, uma vez mais, o falso conceito da “noite milenar”, para sublinhar que a Idade Média, segundo observa Augusto Comte, foi um desses períodos de “atividade secreta e silenciosa” (p. 161), e nela estava em germe o radioso alvorecer do Renascimento. Não menos lisonjeiro é o alto conceito que, da parte do Autor, merece a vida monástica, foco de ação intelectual, que preservou o Latim e conservou grande acervo dos autores gregos e romanos (p. 152).

O procedimento metodológico do Autor, consiste em comparar a Idade Média com a Antiguidade clássica ou com os Tempos Modernos (p. 6) em busca da máxima objetividade. Desse paralelo, resulta principalmente a superioridade do catolicismo sobre o politeísmo, no tocante às virtudes morais, que as crenças antigas de modo nenhum estimulavam. Daí, a relaxação dos costumes entre os antigos, mesmo nos homens superiores, a prática da escravidão, e outros males. O catolicismo veio concorrer para o advento do homem moderno, dotado da consciência da sua autonomia moral, independentemente do poder do Estado. Isto, depois de haver concorrido para a distinção dos dois poderes, o espiritual e o temporal, que na Antiguidade se confundiam.

Todavia, o método do Autor não reside tanto na comparação entre a sociedade greco-romana e a medieval, mas sim em procurar na decadência e desregramentos dos últimos tempos de Roma a explicação das reações morais surgidas na Idade Média. O que não exclui a verificação das vulgaridades e atrasos que também existiram na sociedade senhorial. Nessas antinomias é que o Autor procura caracterizar a época, mostrando-nos uma Idade Média marcada por frisantes contrastes, em cuja história os impulsos civilizadores esbarram nos usos mais bárbaros. E em geral numa tomada de posição que nos parece ser mais de crítica, que de explicação da Idade Média.

Nos sucessivos capítulos, o Autor analisa as manifestações dominantes da história da civilização medieval, dentro do seu critério de apreciação, pondo em realce o catolicismo, o regime feudal, a cavalaria, a cultura medieval, o cruzadismo, certos usos e costumes marcados pela excentricidade, pela credulidade, pelo fanatismo retrógrado.

O catolicismo é realçado em sua grandeza, sobretudo como força vinculadora entre os povos divididos, por causa da fragmentação feudal. E o Autor não-lo mostra

ainda como polo de atração dos homens moral e intelectualmente superiores, sancionando preceitos éticos, aos quais era alheio o politeísmo. Por isso, o catolicismo foi o herdeiro dos moralistas gregos e romanos. A Santa Sé elevou-se ao nível de côrte internacional de justiça, acatada pelos soberanos.

Relativamente ao feudalismo, o Autor começa por uma caracterização do sistema senhorial. Contestando o conceito segundo o qual o feudalismo era peculiar aos bárbaros, sustenta que a dispersão da autoridade decorreu também da extensão do império romano. Correta a idéia, propugnada pelo Autor, de que a guerra se tornou quase inoperante, como ação de conquista. Mas, entendemos que ela não se tornou exclusivamente defensiva, sendo também competitiva, entre os barões feudais. Daí, a insegurança geral, agravada pela repetição do fenômeno das invasões de nômades orientais, insegurança que acarretou as dependências feudais, como o próprio Autor assinala (p. 87). Quanto a ser o feudalismo resultante das instituições romanas, é exato, mas em parte; no sistema senhorial, houve também elementos oriundos de instituições germânicas (a “recomendação” e a “vassalagem”) e ainda se fêz sentir o condicionalismo histórico especificamente medieval.

O quadro social vem completar o político, mediante a precisa explicação da hierarquia típica da sociedade feudal, firmada numa sucessão de dependência que encadeavam os indivíduos uns aos outros: suzeranos, vassallos, vilões; e quanto à nobreza, mostra o Autor que a grosseria de certos costumes era amenizada pelas interferências da Igreja e pelos preceitos superiores da cavalaria. Neste ponto, o Autor frisa constantemente o binômio cristão-cavaleiro, através do culto às virtudes cavaleirescas: bravura e lealdade, fidelidade e cortesia, liberalidade e honra, dever e culto à mulher, virtudes essas que levavam ao ideal da proteção aos pequenos, à missão de paladino, numa época em que predominava a lei do mais forte. Nada disto, porém, exclui o contraste entre êsses ideais e as grosseiras vulgaridades ainda reinantes. Daí, explica o Autor, a sátira imortal de Cervantes à cavalaria (p. 128).

Não poupa êle de suas críticas os maus costumes do clero medieval, nem os desvios morais dos leigos. Essa visão dual, dos aspectos positivos e negativos da Idade Média, é uma linha constante de análise e pensamento, ao longo de toda a obra. Por isso, acabando de apontar algumas baixeiras da vida medieval, volta o Autor a exalçá-la, lembrando a ação da Igreja e do monaquismo, pela conservação do Latim e dos autores greco-latinos, como fonte perene de cultura. E salienta outras instituições intelectuais da época: o *trivium* e o *quadrivium* do ensino universitário; a literatura, a história e a geografia; os estudos jurídicos e a preservação do Direito romano; a ciência árabe e a escolástica, que atestam a intensa inquietação intelectual da Idade Média. Sempre atento, porém, ao jogo dos contrastes, assinala a triste realidade do analfabetismo medieval.

Finalmente, depois de evocar certas realidades sociais, certos usos e costumes evadidos de rudimentariedade, de superstição, de extravagância, o Autor consagra os

capítulos últimos do seu livro às Cruzadas, cujas características são examinadas, cuja história é extensamente rememorada e cujas conseqüências são cuidadosamente fixadas, maximé no tocante à decomposição do regime feudal, ao fortalecimento da Realeza, ao abrandamento da servidão, à formação e progresso das cidades. Nota-se neste passo que, em história sócio-econômica, as idéias do Autor não destoam das de Marc Bloch e Henri Pirenne, os dois grandes mestres na matéria.

Apraz-nos, ao concluir, frisar que o livro em apreço nada perdeu do vigor e da validade dos seus primeiros dias. Tal como foi concebido e elaborado, alinha-se entre as diversas interpretações dessa fase da História, cuja riqueza de conteúdo explica as estimuladoras controvérsias que tem provocado.

RAUL DE ANDRADA E SILVA

*

* *

Saisimentum Comitatus Tholosani. Edição de Yves DOSSAT. "Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France". Série in 8º — Vol. 1. Paris, Bibliothèque Nationale, 1966. XX + 509 páginas in 8º.

La Gascogne dans les registres du Trésor des Chartes. Edição de Charles SAMARAN. "Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France". Série in 8º — Vol. 4. Paris, Bibliothèque Nationale, 1966. XVI + 308 páginas in 8º.

Le Terrier de Jean Jossard, coseigneur de Chatillon-D'Azergues (1430-1463). Edição de René FÉDOU. "Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France". Série in 8º — Vol. 5. Paris, Bibliothèque Nationale, 1966. 162 páginas in 8º, 3 ilustrações e 2 cartas fora do texto.

Actes relatifs à la Principauté de Morée (1289-1300). Edição de Charles PERRAT e Jean LONGNON. "Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France". Série in 8º — Vol. 6. Paris, Bibliothèque Nationale, 1967. 243 páginas in 8º e mapa fora do texto.

Em oportunidade anterior, nestas páginas (1), registramos o início da publicação da "série in 8º" da prestigiosa coleção a que pertencem os volumes em exame, que colocam ao alcance dos pesquisadores documentos que se revestem de grande interesse para o estudo da história francesa na Baixa Idade Média, em edições exemplares no aparato crítico.

Os registros da tomada de posse da região correspondente ao condado de Toulouse por Filipe III, o Audacioso, em 1271, apresentam muitos pontos de interesse. Inicialmente, do ponto de vista político, referem-se a um fato de grande impor-

(1). — *Revista de História*, 1966, T. XXXIII, nº 68, pp. 564 sqq.